

VOL IV

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022

VOL IV

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022

2022 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2022 Os autores
Copyright da Edição © 2022 Editora Artemis



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal



Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla – La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES – Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol IV / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-57-6

DOI 10.37572/EdArt_260522576

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Professores – Formação. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

PRÓLOGO

“Las normas morales, al igual que las hipótesis y técnicas científicas, deben ser compatibles con los principios de nivel superior, en este caso, las máximas morales y metaéticas del sistema en cuestión. En el caso del agatonismo, el máximo principio es «Disfruta la vida y ayuda a otros a vivir una vida digna de ser disfrutada»”

Mario Bunge

*Buenos Aires, 21 de septiembre de 1919 - Canadá, 24 de febrero de 2020
A la caza de la realidad (2007). Barcelona. España. Editorial Gedisa S.A., p.373*

Este volumen IV del libro titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade** surge como una continuación de los volúmenes anteriores.

Destacándose como la sociedad se manifestó luego del inicio de la pandemia de SARS CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2), asumiendo con mayor énfasis la importancia de las relaciones humanas, como consecuencia del duro aislamiento que ese periodo significó. Por lo tanto, observamos en el tratamiento Holístico que los autores reunidos en esta obra, asumen en las distintas temáticas propuestas, pretendiendo aportar al bienestar general, alentando a la búsqueda de nuevos conocimientos. Tales autores, pertenecientes a diversas regiones del mundo, participan con fines de aportar al desarrollo del bien común, mostrando la forma de contribuir al fortalecimiento de un lazo humanístico, reconociendo los nuevos componentes del ambiente, dados en oportunidades por la tecnología, el método híbrido, los saberes ancestrales, la dimensión emocional presente en las distintas edades, labores y género, entre otros. Indudablemente todo esto, nos lleva a reflexionar en nuestro quehacer diario, el propósito deseado de perdurar la existencia, conservando el ambiente.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

PRÓLOGO

“Las normas morales, al igual que las hipótesis y técnicas científicas, deben ser compatibles con los principios de nivel superior, en este caso, las máximas morales y metaéticas del sistema en cuestión. En el caso del agatonismo, el máximo principio es «Disfruta la vida y ayuda a otros a vivir una vida digna de ser disfrutada»”

Mario Bunge

*Buenos Aires, 21 de septiembre de 1919 - Canadá, 24 de febrero de 2020
A la caza de la realidad (2007). Barcelona. España. Editorial Gedisa S.A., p.373*

Este volume IV do livro intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade** surge como continuação dos volumes anteriores.

Destacando como a sociedade, se manifestou após o início da pandemia de SARS CoV-2 (Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave), assumindo com maior ênfase a importância das relações humanas, como consequência do duro isolamento que esse período significou. Por isso, observamos no tratamento Holístico que os autores reunidos neste trabalho, assumem nos diferentes temas propostos, pretendendo contribuir para o bem-estar geral, estimulando assim a busca de novos conhecimentos. Tais autores, pertencentes a várias regiões do mundo, participam de forma a contribuir para o desenvolvimento do bem comum, mostrando como contribuir para o fortalecimento de um vínculo humanístico, reconhecendo os novos componentes do meio ambiente, oportunizados pela tecnologia, a método híbrido, saberes ancestrais, a dimensão emocional presente em diferentes idades, profissões e gêneros, entre outros. Sem dúvida, tudo isso nos leva a refletir, sobre nosso trabalho diário o objetivo almejado de continuar a existir, conservando o meio ambiente.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos-lhes uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

SUSTENTABILIDADE E DESIGN: UMA REVISÃO HISTÓRICA

Carlos Viana da Silva

Vinicius Gadis Ribeiro

Fábio Gonçalves Teixeira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225761

CAPÍTULO 2..... 16

LA ACUSMÁTICA GENERADA POR LOS ESCENARIOS DE ELECTRIC DAISY CARNIVAL (EDC) EN LA CIUDAD DE MÉXICO

Citlaly Aguilar Campos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225762

CAPÍTULO 3.....23

EMOTIONAL AND AFFECTIVE LOGIC IN UNIVERSITY TEACHER RESEARCH TRAINING-19

Derling José Mendoza Velazco

Janeth Elizabeth Salvador Moreno

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225763

CAPÍTULO 437

LA TOMA DE DECISIONES Y SU DIMENSIÓN EMOCIONAL

Josefina Álvarez-Justel

Núria Pérez-Escoda

Èlia López-Cassà

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225764

CAPÍTULO 5.....47

THE DOLMNS OF NORTH KOREA - THE PECULIAR STRUCTURE -

Ha Moonsig

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225765

CAPÍTULO 6..... 65

HISTÓRIA DO SISTEMA CIRCULATÓRIO: EVOLUÇÃO DOS CONHECIMENTOS

João Carlos Mateus

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225766

CAPÍTULO 776

LA COMBINACION DE EJERCICIOS FÍSICOS Y ALIMENTACIÓN ADECUADA COMO TRATAMIENTO DE LA OBESIDAD EN NIÑOS EN EDAD PREESCOLAR

Johanna Margoth Povea Cevallos

Paolina Castro

Damián Enrique Dattus Torres

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225767

CAPÍTULO 8.....97

OS RECURSOS NA FAMÍLIA EMPRESÁRIA: UMA VANTAGEM COMPETITIVA PARA A SUSTENTABILIDADE

Jorge José Martins Rodrigues

Maria Amélia André Marques

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225768

CAPÍTULO 9.....126

CORRELACIÓN ENTRE MASTICACIÓN, APRENDIZAJE Y MEMORIA EN NIÑOS Y PRE ADOLESCENTES

Karen Vanesa Rhys

María Eugenia Méndez Bovio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225769

CAPÍTULO 10..... 141

O BEM E O MAL: A DISPUTA PEDAGÓGICA PELA ALMA INDÍGENA NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DAS AMÉRICAS

Leandro Lente de Andrade

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257610

CAPÍTULO 11..... 146

EL REALISMO TRANSCENDENTAL DE LA CERTEZA SENSIBLE. LA COSA EN SÍ Y EL ESTO Y LA SUPOSICIÓN

Leonardo Filippi Tome

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257611

CAPÍTULO 12157

ANÁLISIS ESTRATÉGICO DE TEXTOS CIENTÍFICOS DE PSICOLOGÍA: COMPARANDO EL APRENDIZAJE HÍBRIDO CONTRA EL AULA DE CLASE

Luis Fernando González Beltrán

Olga Rivas García

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257612

CAPÍTULO 13.....165

ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS EN EDUCACIÓN AMBIENTAL

María Amelia Scoppa

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257613

CAPÍTULO 14.....179

ANDANDO NA LINHA: DISCIPLINA E SOCIABILIDADES NO TRANSPORTE URBANO DE SÃO LUÍS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

María das Graças do Nascimento Prazeres

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257614

CAPÍTULO 15 190

LA CONDICIÓN HUMANA COMO EXPERIENCIA ORIGINARIA DE LA ESPERANZA Y DE LA FORMACIÓN

Ma. Dolores García Perea

Ana Ma. Mata Pérez

Leticia del Carmen Ríos Rodriguez

Ana Leticia Martínez Mata

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257615

CAPÍTULO 16	205
CRÓNICA Y VOTOS DEL PRIMER CONGRESO LATINOAMERICANO DE CRIMINOLOGÍA (BUENOS AIRES 1938)	
Mariana Angela Dovio	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257616	
CAPÍTULO 17	216
CONSIDERACIONES METODOLÓGICAS PARA LA ELABORACIÓN DE UNA PROSPECCIÓN ARQUEOLÓGICA UTILIZANDO HERRAMIENTAS SIG	
Miguel Ángel Mora	
Francy Paola Monroy Álvarez	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257617	
CAPÍTULO 18	227
DESENHO DO TRABALHO (WORK DESIGN): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Silvana Regina Ampessan Marcon	
Líliá Aparecida Kanan	
Nicole Cecatto Fontana Diniz	
Sabrina Goetttert de Britto	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257618	
CAPÍTULO 19	250
LA MANCHA Y TEJIDO URBANO MEDIANTE LA GEORREFERENCIACIÓN DE CARTOGRAFÍA HISTÓRICA	
Verónica de la Cruz Zamora Ayala	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257619	
CAPÍTULO 20	263
LA PRESENCIA DE LOS EVANGÉLICOS EN LA ARENA POLÍTICA URUGUAYA	
Victoria Sotelo	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257620	
SOBRE OS ORGANIZADORES	283
ÍNDICE REMISSIVO	285

CAPÍTULO 15

LA CONDICIÓN HUMANA COMO EXPERIENCIA ORIGINARIA DE LA ESPERANZA Y DE LA FORMACIÓN

Data de submissão: 18/03/2022

Data de aceite: 30/03/2022

Ma. Dolores García Perea

Instituto Superior de Ciencias de la
Educación del Estado de México
<https://orcid.org/0000-0003-0265-7535>

Ana Ma. Mata Pérez

Centro de Investigación para la
Administración Educativa
<https://orcid.org/0000-0002-2066-2111>

Leticia del Carmen Ríos Rodríguez

Universidad Autónoma de Zacatecas
<https://orcid.org/0000-0002-1005-020X>

Ana Leticia Martínez Mata

Instituto Tecnológico de San Luis Potosí
<https://orcid.org/0000-0002-5865-7449>

RESUMEN: El propósito del presente trabajo es reflexionar el tema de la condición humana como experiencia originaria de la formación. Considerando que la reflexión a realizarse es teórica, los conceptos a privilegiarse son: condición humana, principio de esperanza, formación, inquietud de sí mismo, vivencia y juego. El concepto condición humana es entendido no sólo como una experiencia originaria del ser humano, sino también

como el referente para valorar la importancia y trascendencia de las experiencias de formación logradas a partir de los siguientes dispositivos: inquietud de sí mismo, vivencia y juego. Desde la perspectiva de Arendt, la condición humana es el argumento principal para emplear el término sujeto para referirse a los seres humanos. Tal hecho se debe a que el género humano en su situación personal o colectiva está condicionado, sujeto y atado a todo aquello con lo que está en contacto. El grado de dependencia estará determinado por su subjetividad, su historia de vida, las experiencias laborales, profesionales, académicas y de amistad. Para que el ser humano pueda poner distancia sobre los aspectos que lo condicionan, es necesario que los identifique para que pueda tomar consciencia del grado de sujeción depende de varios factores, entre éstos se encuentran: la tradición, las relaciones humanas, las necesidades biológicas, las experiencias profesionales, laborales, de amistad y personal y los procesos de formación. La formación y la esperanza como alternativas para superar el estado de sujeción debido al poder heurístico que le corresponde a cada una de éstas. Por tal motivo, Los dispositivos de la formación propuestos en el trabajo son: el juego, la vivencia y la inquietud de sí mismo. Éstos al igual que la formación son determinantes para que la condición humana no se restrinja y reduzca a los determinantes del cuerpo biológico del hombre, sino como punto de partida para acceder a las naturalezas caracterizadas por

la cultura y la conciencia anticipatoria del futuro prometedor (Arendt, 1998). Los aspectos a desarrollarse en el trabajo son: Condición humana, La esperanza como impulso, Problematicar la esperanza y la formación, Nociones de esperanza, Nociones de formación y Dispositivos de formación (inquietud de sí mismo, vivencia y juego).

PALABRAS CLAVES: Condición humana. Esperanza. Formación y dispositivo de formación.

1 INTRODUCCIÓN

Tal y como lo expresa el título, el presente trabajo tiene el propósito de reflexionar la experiencia originaria como experiencia originaria de la formación. Para tal efecto, la reflexión a realizarse es de tipo teórico, los conceptos a analizarse son: condición humana, principio de esperanza, formación, inquietud de sí mismos, vivencia y juego y los principales planteamientos son de los autores: Arendt, Ferry, Honoré, Foucault, Gadamer y Bloch.

Es importante señalar que la mayor parte del contenido del trabajo y que está relacionada con el concepto y los dispositivos de formación (inquietud de sí mismo, vivencia y juego), son parte de los resultados obtenidos de la investigación "*Formación, concepto vitalizado por Gadamer*" y, en una menor proporción, concretamente, el concepto esperanza, es parte de los resultados de la investigación "*La noción de formación en Ernst Bloch*".

El concepto de condición humana no ha sido contemplado como objeto de estudiado de alguna investigación desarrollada. Sin embargo, para su desarrollo se privilegia los planteamientos de Hannah Arendt contenidos en el primer capítulo del libro intitulado con el nombre del concepto.

Las preguntas a resolverse son: ¿Qué se entiende por condición humana?, ¿Qué relación tiene con los conceptos: esperanza, formación, inquietud de sí mismo, vivencia y juego?, ¿Por qué estudiar, qué pasa y cuál es el sentido originario de los conceptos: esperanza y formación?, ¿A través de qué conceptos podemos comprender la trascendencia y devenir de ambos conceptos?, ¿Qué significa dispositivos de formación? y ¿Qué significa inquietud de sí mismo, vivencia y juego?

Los presupuestos del trabajo son: 1. El concepto condición humana es experiencia originaria del ser humano, 2. El principio de esperanza, la formación, la inquietud de sí mismo, la vivencia y juego son parte de dicha experiencia originaria, 3. La condición humana es construida por el ser humano y 4. La esperanza, la formación, la inquietud de sí mismo, la vivencia y el juego generan que el horizonte de saber de la condición humana se amplíe y, al mismo tiempo, sea menos particular y más universalizada.

Los aspectos a desarrollarse en el trabajo son: Condición humana, La esperanza como impulso, Problematizar la esperanza y la formación, Nociones de esperanza, Nociones de formación y Dispositivos de formación (inquietud de sí mismo, vivencia y juego).

2 CONDICIÓN HUMANA

Para desarrollar este apartado recorro a los planteamientos hechos por Hannah Arendt.

La condición humana es el estado de condicionamiento, que tiene el ser humano en relación con todas las cosas con las que entra en contacto y que se convierten de inmediato en una condición de su existencia. De ahí la noción de hombre como ser condicionado que está sujeto, atado a todo aquello que le permite vivir y existir. El efecto de tal condicionado, afirma la autora, se debe al resultado de “todo lo que entra en el mundo humano por su propio acuerdo o se ve arrastrado a él por el esfuerzo del hombre pasa a ser parte de la condición humana” (Arendt, 1998).

Parafraseando a Arendt, la condición humana está determinada por todo lo que constituye el mundo de la vida, siendo el mundo físico y natural el hábitat por donde transcurre su vida finita y el espacio temporal donde satisface sus necesidades básicas, es decir, las generadas por la condición biológica, fisiológica e instintiva que caracteriza a todos los seres vivos.

La condición humana está determinada por todo aquello que constituye el mundo terrenal, natural. Por lo tanto, la vida en este mundo es la experiencia originaria humana en virtud de que sin el mundo terrenal, la vida humana como la de otros seres vivos es impensable. A diferencia de otros seres vivos, el ser humano tiene la capacidad de superar, abandonar, escapar, aunque sea momentáneamente el mundo terrenal al satisfacer las necesidades de tipo biológico y fisiológico, para acceder a otro mundo producido y reproducido por seres humanos que habitaron antes que él dicho mundo.

La condición humana está arraiga al mundo terrenal caracterizado por la naturaleza propio del mundo, la cual se presenta ante el ser humano en sus dos sentidos: como prisión de la tierra -llamada también con el nombre de hábitat, morada y casa- y como potencial liberador de la tierra. Por su naturaleza instintiva, el hombre necesita y está atado a la naturaleza terrenal para cubrir sus necesidades básicas, las cuales de manera paulatina, progresiva y permanentemente se incrementan considerablemente por resultado de los modos de actuar y correlacionarse con otros organismos de su mismo o diferentes especie.

Escapar de dicha condición humana no ha sido fácil. Los primeros hombres tuvieron que enfrentar a la naturaleza para seguir viviendo en el mundo terrenal y, después

de un largo periodo histórico y de distintas experiencias, lo han alterado, transformado a partir del avance y desarrollo de la ciencia. Es el deseo de vivir en un ambiente terrenal de menor incertidumbre, ha generado que el ser humano escape a las experiencias originarias primitivas demarcadas y limitadas por la natalidad. En la medida en que pueda superarlas escapando de éstas dependerá de la capacidad de lograr cambios en el mundo terrenal.

Los cambios generados en las maneras y formas de establecer contacto del con el mundo terrenal con otros mundos (sueños, fantasías, ciencias, etc.) no evitan que el hombre siga condicionado en virtud de que puede escapar de las ataduras de las experiencias primitivas generadas en el hábitat natural, pero se atará a otras cosas debido a que su vida no dependen de las actividades para atender las necesidades básicas de la vida. La autora propone la palabra 'labor' para referirse a esta experiencia originaria de vida humana.

Así mismo propone dos términos más para señalar que la condición humana está determinada a otros factores como es el trabajo y la acción. El trabajo entendido como actividad para producir objetos duraderos, ha generado que el estado de condicionamiento humano este determinado por cosas creadas por efecto de la tradición, las costumbres, las ideologías, el mercado, las sensaciones, las sublimaciones, los simbolismos, los ideales, los deseos, las querencias, etc. La acción, en este caso, es el momento desarrollado de la capacidad que le es propia al ser humano para ser emanciparse del estado de sujeción, condicionamiento y ser libre.

Arendt hace una doble afirmación: la condición humana es distinta a la naturaleza humana y la suma total de actividades y capacidades que corresponden a la condición humana no constituye nada semejante a la naturaleza humana. Mientras, hoy en día, en los intentos por definir la naturaleza humana terminan por hablar de una creación divina complicada de explicar, la condición de la existencia humana también es difícil de explicar debido a que constantemente el ser humano siempre estará condicionado algo y que ese algo jamás será absoluto.

Por último, la pluralidad, nos dice la autora, es la condición de la acción humana debido a que todas las personas, además de que somos humanos, también somos diferentes a otras personas que han vivido o vivirá. Por lo tanto, la condición humana de las personas dependerá del estado de condicionamiento que tenga derivado de la capacidad de hacer frente a aquello con lo que entra en contacto.

3 LA ESPERANZA COMO IMPULSO

Para desarrollar este apartado, recupero dos términos desarrollados por Bloch en los primeros capítulos del Tomo I de la obra "El principio esperanza": impulso de deseo

e impulso de querer. Han sido seleccionados por encontrar en ellos una veta conceptual cuya profundidad, frescura, sutileza y originalidad está en el hecho de pensar la esperanza como experiencia originaria del ser humano y, por consiguiente, de la formación.

Desde la perspectiva del filósofo alemán, la esperanza es estructuras ontológicas que habitan en las profundidades de la persona y, por tanto puede concebirse como un impulso. Son la causa del movimiento en ellos y generan sentido a sus existencias. El origen de la expresión popular: “hombre no vive para vivir, sino «porque» vive, puede sentir”, nos dice Bloch, reposa en ambas estructuras ontológicas.

Antes de explicar la diferencia existente entre el impulso de deseo y el impulso de querer y argumentar al segundo impulso como experiencia que origina el trayecto de formación en los seres humanos, considero pertinente describir la naturaleza misma del impulso antes de configurarse como impulso del deseo o como impulso del querer.

El impulso trastoca al ser humano desde su nacimiento hasta la muerte del cuerpo biológico y permanecen en él generando signos de movimiento. Por ello, podemos decir que empujan, incitan, arrojan al ser humano al mundo para buscar no sólo de un algo que permanece desconocido, sino también de ese algo que al ser construido, empieza a tener forma de manera pausada, constante, consecutiva y permanentemente.

El impulso no puede ser percibido por los sentidos humanos, sin embargo, es el responsable de las experiencias corpóreas y de las experiencias mentales (reflexivas, analíticas, interpretativas, de comprensión, lógicas, etc.). Ningún ser humano puede escapar al impulso porque es independiente a la voluntad humana, se manifiesta sin cesar creando una agitación que, aún de ser o no percibido, genera alguna aspiración, anhelo, afán, deseo, querer, agobio, etc.

Sentirse empujado y embrujado por el impulso implica una diversidad de sensaciones similares al que experimenta un ser humano cuando el aguijón de la abeja penetra entre las células de su cuerpo. La ansiedad es tal que el movimiento surge como una reacción del cuerpo mismo.

Generalmente, el contenido del impulso pasa desapercibido en el ser humano, aún de su manifestación corpórea, por tal motivo es imposible nombrar lo que evoca en tanto que lo que expresa no puede ser satisfecho como lo es una necesidad biológica e instintiva. Su contenido está demarcado en primera instancia por el deseo manifestado en los sueños nocturnos y, posteriormente, al adquirir el carácter de sueño diurno se convierte en un querer que despliega un abanico de alternativas para ser real aquello a lo que se aspira.

La negación de impulso es una de las situaciones más nefastas y destructivas del ser humano y de la humanidad debido a que lo que se anula y excluye la esperanza que

habita en ellos. Por tal motivo, reflexionar el impulso, en su manifestación tanto de deseo como de querer, significa pensar en la experiencia originaria de la condición de humano y, por consiguiente, de los trayectos de formación.

Hay que mencionar que el impulso es la causa de que el ser humano viva la experiencia de agonía, aspiración, apetencia, anhelo, deseo, etc., la cual habrá de perturbar su vida hasta que pueda ser lograda. Para ello se requiere tanto de voluntad, interés, perseverancia y convicción humana como de que las condiciones sociales, culturales, históricas, religiosas, etc., sean propicias.

El impulso, el querer y los sueños diurnos blochiano son los componentes iniciales de la formación por los aspectos siguientes: son inalienables, habitan en el interior de la persona, están constituidos por componentes sociales, culturales, históricos y simbólicos y tienen como efecto la lucha, la persecución, el trabajo constante, paulatino y consecutivo en tanto empujan, arrojan, lanzan, ponen en movimiento a la persona para lograr lo que no tienen y que es factible de lograrse, independientemente del tiempo transcurrido para lograr o poseer lo que se quiere.

A diferencia de la connotación ontológica que otorga Bloch al impulso o ímpetu y a la condición dialéctica e histórica que le caracteriza por abrir el mundo al ser humano y por generar en ellos y en la humanidad cambios, transformaciones y movimiento constante, permanentes y consecutivos; en la humanidad; en el campo disciplinario de la física mecánica, el impulso y el ímpetu, además de ser fenómenos distintos, tienen un sentido reducido y restringido.

Mientras que el impulso de querer trastoca su presente empujando, incitando a la búsqueda, a la conquista, a la lucha, a la persecución, al logro de aquello que es susceptible de ser encontrado y que yace en el ámbito de lo todavía-no-consiente; el impulso de deseo al no convertirse en un querer, pervive como ilusión efímera y no realizable por situarse en el ámbito de la fantasía.

El impulso del querer hace que la tarea de formarse sea susceptible de realizarse por el principio de esperanza que contiene y que la formación se convierta en una condición humana, de la cual sólo es responsable y compromiso de quien la vive.

4 PROBLEMATIZAR LOS CONCEPTOS DE ESPERANZA Y DE FORMACIÓN

Para problematizar los conceptos de esperanza y de formación, las preguntas a resolverse son: ¿Qué pasa con los conceptos?, ¿Cómo han sido interpretados? y ¿Cuáles son su sentido originario?

Con base en el diagnóstico realizado sobre los libros registrados en la Universidad Nacional Autónoma de México y la Universidad Iberoamericana, los teólogos

son las personas que inician estudiar el concepto de esperanza. Posteriormente, bajo la influencia de algunos de ellos, se convierte en objeto de estudio de la filosofía. De ahí que la teoría de la esperanza adquiere reconocimiento por los autores que tratan de habilitar su sentido originario.

Posteriormente, el campo de su estudio se amplía vertiginosamente debido a la importancia que adquiere el concepto para explicar la vida de los seres humanos y de la humanidad. A mediados del siglo pasado, es estudiado en la mayoría de los ámbitos disciplinares, destacándose los correspondientes a la política, economía, salud, geografía y educación, entre otros.

Con respecto al concepto formación, ha sido estudiada en el ámbito de lo óntico y considerada como ente, como una cosa. La mayoría de los trabajos sobre formación se han hecho en el ámbito óntico. Los aspectos privilegiados en este ámbito son: Tendencias, programas y visión del mundo, Distinguen y diferencian de otros conceptos, Analizan a partir de adjetivaciones, Comprenden a partir de relaciones, Vislumbran: psicológico, social y simbólico y Estudian a partir de campos disciplinarios.

Lo que no se ha estudiado y debatido son, entre otras cuestiones: las nociones, las historias, el devenir, la complejidad, la trascendencia y el devenir de ambos conceptos. También es importante señalar que la mayoría de los trabajos ponderan sus estudios a partir de la condición de entes y no de su condición ontológica. Urge, entonces, desarrollar tanto dichos aspectos como su abordaje en el campo de la ontología.

Con respecto a la pregunta ¿Cómo ha sido interpretado el concepto formación?, se dice lo siguiente. Tanto la esperanza como la formación ha sido interpretados de manera negativa, es decir, sus sentidos originales han sido reducidos y restringidos y, en la mayoría de las ocasiones, son confundidos con otros conceptos. Por ejemplo, la esperanza se le confunde con la ilusión y la fantasía, se ha reducido a un acto de fe y se ha restringido al estudiarse a partir del pasado y no del futuro. A lo anterior hay que incluir que es concebida como parte de las virtudes teológicas.

En el caso del concepto de formación, ha sido reducido como una actividad de transmisión de datos e información y restringida a las actividades exclusivas del aula escolar y a las instituciones educativas. También ha sido considerada como sinónimos de las actividades relacionadas a la instrucción, la capacitación, el adiestramiento, la actualización y la superación académica. El deber-ser y deber-hacer son los ejes principales de los modelos creados para la formación de los profesores en las escuelas normales.

La respuesta a la pregunta ¿Cuál es su sentido originario? es la siguiente. Con la certeza que implica tener el dominio sobre el campo de estudio, afirmó que lo que caracteriza al concepto de esperanza es la construcción de un futuro mejor del ser humano

a partir de las acciones implementadas por ellos y, en el caso del concepto de formación, el sentido de cultura a la cual los seres humanos debemos acceder y conquistar.

La cultura es la segunda naturaleza humana y sólo es posible su arribo a través de la formación. La construcción de un mundo mejor es la tercera naturaleza humana y sólo es posible a través de la esperanza.

5 NOCIONES DE ESPERANZA

Para desarrollar el concepto de esperanza, se recuperan las definiciones contenidas en la obra *“Aprender la esperanza”*.

Alberoni, Descalzo y Ganne, coinciden en afirmar, con palabras más o menos equivalentes, que la esperanza es la virtud más importante de la vida en tanto que sin ella, nadie se atrevería a llevar a cabo acciones enfocadas a lograr fines, emprender una empresa o tener el valor para afrontar el futuro desconocido, incierto e imprevisible. Ignorar la esperanza es imposible porque está inmersa en nuestra vida motivando las actividades diarias para lograr un fin y tal fin, sin duda, es la proyección de la vida.

José Luis Martín Descalzo (2002) al reconocer en la esperanza tal principio, propone que ella sea entendida como actitud de vida debido a un acción dual: la vida consiste precisamente en entreabrirse hacia lo posible y lo posible sólo puede lograrse cuando se mira hacia el horizonte del futuro. En otras palabras, la vida sólo se construye y quien la construye se reimpulsa en esa fuerza interior denominada esperanza.

Continuando con el autor, vida y esperanza son estructuras inseparables: la vida se construye sobre la posibilidad de actuar en futuro y, por lo tanto, sobre la esperanza. La vida, en su naturaleza más profunda, es acceso a la esperanza. La esperanza destruye la certeza de lo ineluctable y de la muerte, reabre el horizonte de lo posible y choca con las incertidumbres existenciales. Desde mi punto de vista, es precisamente esta apertura la que nos devuelve la alegría, la confianza, la fe y el impulso para reinventar acciones tendentes a lograr lo que es querido.

La esperanza también es considerada como visión de futuro. Para argumentar tal sentido, continuo recuperando las ideas de Descalzo sobre la vinculación existente entre esperanza-futuro: la esperanza se presenta como “una fuerza directa hacia el futuro, como una meta, una visión de aquello que puede ser, de lo que podemos realizar, de lo que se está incubando y que debemos perseguir con nuestra voluntad, asumiendo los riesgos que conlleva” y el futuro le corresponde al ser humano en tanto es el portador del impulso que va desde nuestro interior hacia afuera, como poderoso vehículo por su capacidad heurística y por poner en marcha la evolución cósmica que hace escalar los estratos cada

vez más elevados del ser. Imaginar un futuro sereno, abrirse al futuro, el deseo de vivir y de luchar, es una luz que destroza las tinieblas, es una ola de calor que nos reconforta y que nos hace renacer (Ídem).

Las nociones de corte teológico, aún de la dirección e intención que tienen, contienen elementos para comprender la importancia, trascendencia y devenir de la esperanza. Con el propósito de mostrar lo dicho, presento a continuación la noción hecha por Royo (1976: p. 45): Esperanza, además de ser el fin último deseado, anhelado y querido por el ser humano, es una virtud teológica que nos impulsa mirar hacia la patria eterna dándonos la plena garantía de alcanzarla algún día, no por nuestras propias fuerzas humanas, sino con el auxilio omnipotente de Dios, el cual es bondadoso y misericordioso.

Otras nociones de esperanza interesantes por su contenidos son: “dinamismo de la exigencia humana”, “virtud que tiene peor prensa”, “hondura y [...] universalidad de su implantación en el corazón del hombre”, “agridulce necesidad de vivir, es uno de los hábitos que más profundamente definen y constituyen la existencia humana”, “estado de ánimo que complace en la posesión de un bien que le llena de dicha y de paz”, “imaginar un mundo sereno”, “luz que destroza las tinieblas, [...] ola de calor que nos reconforta, que nos hace renacer”, “fuerza directa hacia el futuro, como una meta, una visión de aquello que puede ser, de lo que podemos realizar, de lo que está incubado y que debemos perseguir con nuestra voluntad, asumiendo los riesgos que conlleva”, “proyección hacia el futuro, como intuición de las posibilidades que germinan en la realidad, y que debemos cultivar y llevar a término”, “estar casi seguro de algo”, “lo que se espera”, “actitud de prudente razonabilidad, como un estar, mediante el intelecto, en medio de dos alternativas que en ninguno de los casos es cierta”, “intuición que proviene de un movimiento interior y que establece de nuevo una relación de confianza con el mundo, que nos introduce nuevamente en el impulso vital de nuestra continuidad vital con el cosmos, una afirmación de nuestra sustancia de ser”, “capacidad de esperar, de luchar por una meta sin abandonarse al desaliento o a la desesperación”, “capacidad de tener presta siempre la mirada hacia el futuro”, “seguridad de alcanzar el resultado aun cuando todas las circunstancias son adversas, aun cuando nos faltan las capacidades indispensables para obtenerlo”. “La experiencia anticipada” y “movimiento de la apetencia apetitiva que resulta de la aprehensión del bien futuro, arduo y posible, o sea la tendencia o inclinación del apetito hacia tal objeto.”¹

Las nociones caracterizadas por su sentido aséptico, no dejan de ser interesantes. Entre éstas se encuentran: “Espera confiada, más o menos justificada, de un hecho grato o favorable”, “¿Realmente la esperanza es el único bien, el último recurso disponible para

¹ Entre los autores de las nociones se encuentran: Moltmann, Eugenio D´Ors, Lain, Royo, Alberoni y Santo Tomás.

afrontar todos los males? O, por el contrario, ¿es el más último, el más sofisticado y burlón, es la falsa promesa, el engaño?” y “Así pues, cuanto más nos esforzamos por vivir bajo las riendas de la razón, más nos esforzamos en depender al mínimo de la Esperanza y en liberarnos del Miedo” (Alberoni, 2001: p. 13).

6 NOCIONES DE FORMACIÓN

Con la finalidad de dar a conocer algunas interpretaciones sobre el concepto formación que resaltan el sentido de cultura cito cuatro nociones. La primera es de Gilles Ferry (1990) y considerado como clásico de la formación en el campo de la pedagogía, entiende a la formación como *Trabajo individual, libremente imaginado y deseado con base en los dispositivos que otros y uno mismo se provee*. Estoy de acuerdo con el autor, la responsabilidad de formación es exclusivamente de la persona interesada en formarse. El compromiso de las instituciones de educativas es proveer procesos, escenarios y dispositivos de formación.

La segunda es de Gadamer (1993b), autor de la hermenéutica filosófica. A la edad de 54 años, el filósofo y filólogo alemán la concibió como Capacidad de pensar lo que opinan otros y uno mismo. Desde mi punto de vista la noción expresa la profundidad y la dimensión que abarca la formación.

La tercera también es de Gadamer (2000), fue elaborada a los 94 años de edad aproximadamente: Potenciar las fuerzas allí donde uno percibe sus puntos débiles y no dejarlas en manos de los padres de familia que regalan obsequios a los hijos por obtener calificaciones de 10 y a las instituciones que otorgan diplomas por la capacidad de memorizar. Esta manera de entender a la formación, nos obliga a preguntar por las debilidades de las personas pero también por las experiencias de formación logradas a lo largo de nuestra existencia.

La cuarta y última es de Hegel (Cfr. Gadamer, 1993): Reconciliarse con uno mismo en una segunda naturaleza: la cultura. El principio de la noción es: para formarnos es necesario reconocer que estamos deformados. Lo anterior puede ser explicado a través de la analogía de la piedra en el zapato: sólo descubriendo que ésta en nuestro zapato y produce daño al pie, podemos responsabilizarnos de arrojarla fuera del zapato y del pie.

Otras nociones de formación encontradas en la bibliografía revisada son: ‘Trabajo individual, libremente imaginado y deseado con base en los dispositivos que otros y uno mismo se provee’, ‘Transmisión (o adquisición) de conocimiento enlazados con las dimensiones de la vida propiamente humanas y provistos de una jerarquización interna,

que se realiza con el esfuerzo que se necesario, de modo tal que incite a una posición personal libre, que pueda ser principio, sin violencia de algo original, de modo que se consiga plenitud humana”, “Proceso de desarrollo individual tendiente a adquirir o perfeccionar capacidades”, “Transformarse en el contacto con la realidad, y en el transcurso de la formación volverse capaz de administrar uno mismo su formación”, “Dinámica de un desarrollo personal que consiste en tener aprendizajes, hacer descubrimientos, encontrar gente, desarrollar a la vez sus capacidades de razonamiento, riqueza de imágenes del mundo, descubrir sus propias capacidades”, “Desarrollo de autosocio-construcción”, “Doble proceso de diferenciación-integración de toda forma en una forma nueva, y de transformación de la energía física en vital, psíquica e intencional”, “Función evolutiva del hombre basada en procesos, diferenciación y activación significativa desprendida de la reflexión”, “Orientación fundamental del ser humano (intelecto, voluntad y sentimiento) hacia la totalidad del ser”, “Ordenación de la experiencia del mundo”, “Fidelidad de la conciencia”, “Ponerse-en-ordena-sí-mismo (cuerpo-alma-espíritu)”, “Realización de sí mismo”, “Autoformación de la persona”, “Obra de sí mismo”, “Reflexión acerca de sí mismo, asumiéndose como objeto de conocimiento y de transformación”, “Proceso de desarrollo y estructuración de la persona que la realiza bajo el doble efecto de una maduración interna y de ocasiones de aprendizajes, de encuentros, de experiencia” y “Posibilidad de existencia” (García, 2012).

Las nociones de formación construidas por un grupo de investigadores que participaron como informantes principales de la investigación “*Las nociones de formación en los investigadores*” son: ‘Ruptura que tienes que hacer con respecto a lo que eres, a lo que piensas, a como explicas las cosas’, ‘despliegue de capacidades del pensamiento para confrontar, debatir, poner en juego tanto saberes previos, como aquellos que sirven de cuña para construir otros con mayor penetración de sentido’, ‘posibilidad intelectual que tiene el sujeto de ir creciendo’, ‘búsqueda del porvenir del hombre de manera mucho más profunda, más radical, más esencial que cualquier otro campo de acción del que hasta ahora se haya podido hacer la experiencia: la raíz del futuro’, “la posibilidad de colocarse como buscador de diferencias’, ‘proceso de crecimiento a través de avances y retrocesos, de rupturas’, ‘procesos continuo que se mantiene a lo largo de la vida para su consolidación’, ‘proceso humano, histórico, un proceso de toda la vida’, ‘la capacidad de compartir, de saber, de exponer ideas ante los demás sin temor’, ‘proceso que se da a través del encuentro conmigo mismo a través del encuentro con los demás’, ‘la posibilidad de establecer relaciones que te llevan a la mutua comprensión de ti y del otro’, ‘tejedor de conceptos’ y ‘horizonte hacia la subjetividad’ (García, 2012).

7 DISPOSITIVOS DE FORMACIÓN

Atendiendo a su raíz latina *dispositus*, entendemos al dispositivo como lo dispuesto, es decir, lo que se ofrece o provee que, al activarse, produce un efecto esperado o una acción prevista conducente a la conversión del ser humano en otra persona, sin que con ello olvide lo que fue anteriormente. Esta manera de entender al dispositivo se encuentra en Ferry (1990), sobre todo cuando afirma que la formación se logra a través de medios o condiciones que la institución ofrece a estudiantes y personal académico y administrativo, que las personas ofrecen y la persona que se forma se provee a sí mismo.

Los conceptos elegidos para comprender la trascendencia y devenir del concepto formación, que sirven para detonador la reflexión y la transformación de las personas y, que son, al mismo tiempo, son los dispositivos elegidos en este trabajo son: Inquietud de sí mismo, vivencia y juego.

a) Inquietud de sí mismo

Para desarrollar el concepto se recuperan los planteamientos de Foucault contenidos en la obra *Hermenéutica del sujeto*.

Es un concepto empleado en la tradición griega (*epiméleia heautou*) para referirse a la verdad y al hombre. Es una especie de desasosiego del hombre que lo impulsa a buscar y construcción de su existencia. Los aspectos que se distinguen en el concepto griego son: una actitud general, una mirada determinada de atención, Acciones que uno se ejerce para transformarse y Corpus que define un modo y manera de ser, una actitud, formas de reflexión, prácticas, etc.

En América Latina, el concepto griego es traducido como conocimiento y cuidado de uno mismo y su resultado se manifiesta en la correspondencia existente entre cuerpo, alma, pensamiento y modo de actuar. El principio que lo rige es: la persona que se haya ocupado y preocupado por sí mismo podrá, entonces, ocuparse y preocuparse por otros. La persona ofrece a otros lo que ha cultivado a la lo largo de su vida.

b) Vivencia

Para desarrollar el concepto se recurre a los planteamientos de Gadamer en la obra *Verdad y Método I*.

Es la traducción hecha al concepto alemán *Erlebnis*. Se logra en vida y cuando tiene lugar algo. A través de ésta se construyen unidades de sentido sobre lo vivido y, éstos a la vez, dan origen a la conciencia. Lo que se vivencia se convierte en referencia inconfundible e insustituible y forman parte de nuestro ser. Comparado a la analogía con el cuerpo humano, son las huellas de lo vivido.

Para lograr vivencias es importante las siguientes cuestiones: vivirlo cuando se está con vida, reflexionar lo que ocurrió y transformarnos al descubrirlo. Las experiencias negativas, es decir, aquellas que no resultaron se convierten en vivencias cuando son la materia prima de reflexión y, por consiguiente de conversión en otra persona, sin olvidar con ello lo que fue anteriormente antes de lograr la vivencia.

Las vivencias de muerte son, generalmente, las que transforman a la persona. Probablemente por el hecho de estar frente a la muerte, los obliga a conocerse, cuidarse y proveerse a ellos mismos. Si las experiencias logradas en la vida cotidiana fueran convertidas en vivencias, seguramente la salud de las personas fuera mejor así como el modo de organización de las sociedades modernas.

c) Juego

Para desarrollar el concepto se privilegian los planteamientos de Gadamer de las obras: “Verdad y Método I” y “La actualidad de lo bello. El arte como juego, símbolo y fiesta”.

Es la traducción hecha al concepto alemán *spiel*. En el trabajo, se pondera la noción ontológica y no las posturas existentes sobre el juego como recreo, descanso, recuperar la energía perdida, actividad atávica y proceso de enseñanza.

Lo que nos interesa de la actitud de la persona que juega es el hecho de autopresentarse tal y como es en el juego. Si la persona descubre su capacidad de poder-ser y poder-hacer en el juego que es considerado como momento situacional de la cual no pasa nada porque es ficticio, podrá entonces reconocerse tal y como es. Por lo tanto su jugar en la vida real lo transformará continuamente convirtiéndolo en un sujeto en construcción.

El riesgo de ganar o perder en un juego de reglas establecidas y que tienen un fin en sí mismo, permite que el jugador descubra las posibilidades que tiene para conocerse, cuidarse y proveerse así mismo, de las vivencias a lograr y sobre la de seguir formándose en un acto de continuar expansión al desplazarse, ganar y fusionar con los suyos los horizontes de saber de la vida.

En la actualidad, el juego es parte de las actividades de formación y educación del niño, pero no del adulto. Las actividades de la profesión adquieren un carácter de seriedad por las repercusiones generadas al no hacerse de manera correcta, pero al perder el carácter lúdico, las convierte en un ritual pesado, tedioso y molesto.

Si el docente asumiera la profesión como juego, seguramente los riesgos asumidos repercutirán favorablemente en todos los aspectos de la vida y saldrían beneficiados no sólo los estudiantes y personas con las que convive, sino también el mismo. En el acto de jugar está el riesgo de jugarse a sí mismo y transformarse.

8 CONSIDERACIONES FINALES

El concepto condición humana es entendido no sólo como una experiencia originaria del ser humano, sino también como el referente para valorar la importancia y trascendencia de las experiencias de formación logradas a partir de los siguientes dispositivos: inquietud de sí mismo, vivencia y juego.

Desde la perspectiva de Arendt, la condición humana es el argumento principal para emplear el término sujeto para referirse a los seres humanos. Tal hecho se debe a que el género humano en su situación personal o colectiva está condicionado, sujeto y atado a todo aquello con lo que está en contacto. El grado de dependencia estará determinado por su subjetividad, su historia de vida, las experiencias laborales, profesionales, académicas y de amistad.

Para que el ser humano pueda poner distancia sobre los aspectos que lo condicionan, es necesario que los identifique para que pueda tomar consciencia del grado de sujeción depende de varios factores, entre éstos se encuentran: la tradición, las relaciones humanas, las necesidades biológicas, las experiencias profesionales, laborales, de amistad y personal y los procesos de formación.

La formación, como alternativa para superar el estado de sujeción es entendida en su sentido amplio, en su poder heurístico y como acceso a la segunda naturaleza humana. Por tal motivo, los dispositivos de la formación propuestos en el trabajo son: el juego, la vivencia y la inquietud de sí mismo. Éstos al igual que la formación son determinantes para que la condición humana no se restrinja y reduzca a los determinantes del cuerpo biológico del hombre, sino como punto de partida para acceder a las naturalezas caracterizadas por la cultura y la conciencia anticipatoria del futuro prometedor (Arendt, 1998).

BIBLIOGRAFÍA

Arendt, Hannah (1998). *La condición humana*. Paidós, Barcelona.

Bloch, Ernst (1979). *Principio de esperanza*, Tomo I.

Boros, Ladislaus (1972). *Somos futuro*. Ediciones Sígueme, Salamanca.

De Sebastián, Luis (2003). *Razones para la esperanza en un futuro imperfecto*. Icaria-Intermón-Oxfam, Barcelona.

Ferry, Gilles (1990). *El trayecto de la formación. Los enseñantes entre la teoría y la práctica*. Paidós Educador, México.

Ferry, Gilles (1997). *Pedagogía de la formación*. Ediciones Novedades Educativas del Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico y Facultad de Filosofía y Letras de Buenos Aires, Buenos Aires.

- Foucault, Michel (1994). *Hermenéutica del sujeto*. Piqueta, Madrid.
- Gadamer, Hans-Georg (1993). *Verdad y Método I*. Ediciones Sígueme. Salamanca.
- Gadamer, Hans-Georg (1993b) *Elogio de la teoría. Discursos y artículos*. Ediciones Península. Barcelona.
- Gadamer, Hans-Georg (2000). *Educación es educarse*. Paidós Asterisco, Barcelona.
- Ganne, Pierre (1973). *Esta esperanza que hay en nosotros*. Ediciones Morova, S. L. Madrid.
- García Amilburu, María (1996). *Aprendiendo a ser humanos. Una antropología de la educación*. Ediciones Universidad de Navarra, S. A., Pamplona, España.
- García Perea, Ma. Dolores (2007). *Formación, concepto vitalizado por Gadamer*. Castellanos Editores, México, D.F.
- García Perea, Ma. Dolores (2012). Las nociones de formación en los investigadores. Castellanos Editores, México, D.F.
- García Perea, Ma. Dolores (2012). Aprender la esperanza. Castellanos Editores, México, D.F.
- García Perea, Ma. Dolores (2010). "El educador como agente de la formación". En *Tiempo de Educar. Revista Interinstitucional de Investigación Educativa*. Año 11, segunda Época, No.21, Enero-junio, pp. 109-135
- Lain Entralgo, Pedro (1984). *La espera y la esperanza*. Alianza, Madrid.
- Moltmann, Jürgen (1969). *Teología de la esperanza*. Sígueme, Salamanca.
- Rivas Lacayo, Rosa Argentina (2007). *Saber crecer. Resiliencia y espiritualidad*. Urano, Barcelona.
- Royo Marin, Antonio (1976). *Teología de la esperanza. Respuesta a la angustia existencialista*. Biblioteca de autores cristianos, Madrid.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III) (2021). Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándome en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que

permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III) (2021). Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acusmática 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22
Adolescência 37, 46, 78, 87
Agenda de derechos 263, 264, 272, 281
Alimentación 76, 80, 81, 83, 84, 94, 95, 126, 127, 131, 139, 140, 173
Análisis de textos 157, 159, 161, 163, 164
Aprendizaje híbrido 157, 163
Autobiografía 141

B

Boundaries of grave 47, 49, 50, 55

C

Capital social familiar 97, 108, 110
Características do trabalho 228, 229, 231, 234, 237, 242
Cartografía histórica 250, 251, 252, 260
Cidade 4, 9, 69, 70, 76, 179, , 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189
Circulação pulmonar 65, 66, 68, 70, 71, 72
Circulação sistémica 66, 70
Claudius Galenus 65, 66, 69
Comprensión lectora 157, 158
Conciencia 39, 44, 86, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 175, 191, 200, 201, 203
Condição humana 190, 191, 192, 193, 195, 203
Congressos 163, 164, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 255, 257
Continuous research 23
Cosa en sí 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 155
Criação de valor transgeracional 97, 99, 106, 111, 116, 118
Criminologia 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215

D

Desarrollo cognitivo y cuestionario 126, 128, 129
Desenho do Trabalho 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243

Design 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Didáctica 37, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 273

Dieta blanda 126, 140

Dimensão emocional 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

E

Educação 10, 13, 15, 117, 141, 144, 187, 227, 235, 242

Educación ambiental 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178

Ejercicios físicos 76, 91, 95

Emotions 23, 27, 28, 32, 33, 35, 37, 46

Empresa familiar 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124

Esperanza 79, 162, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 203, 204, 217, 270, 271, 272, 280

Estrategias 39, 103, 106, 112, 158, 165, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 211, 216, 218, 225, 234, 237, 238, 239

Estudiantes de Psicología 157, 164

Evangélicos 263, 264, 266, 269, 271, 272, 273, 276, 279, 281, 282

Exemplo 6, 9, 12, 71, 117, 141, 186, 228, 229, 231, 234, 235, 236, 238, 242

F

Família empresária 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 124

Fenomenología 146, 149, 153, 156

Festivales musicales 16, 19

Formación 23, 24, 35, 89, 94, 158, 164, 167, 173, 175, 177, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 210, 212, 252

Formación y dispositivo de formación 191

Funciones cognitivas 126, 127, 128, 129, 137, 138, 139

Funeral rites 47, 49, 50, 56, 62, 64

G

Georreferenciación 250, 251, 253, 254, 261

H

Humanism 23, 26

I

Idealismo 146, 147, 148, 149
Interacción 16, 19, 43, 78, 224
Interacción social 16

J

Jesuítas 141, 142, 144

L

Lonchera escolar 76, 83

M

Mancha urbana 250, 258, 259, 260, 261
Masticación 126, 127, 128, 129, 137, 138, 139, 140
Methods of constructing dolmens 47, 52
Metodologías 12, 65, 165, 166, 167, 168, 219, 267
Missão 77, 141
Modernização 179, 183, 189

N

North Korea 47, 48, 49, 50, 53, 54, 56, 57, 58, 60, 61, 62

O

Obesidad infantil 76, 79, 82, 96

P

Partition of a grave pit 47, 57
Política 9, 13, 98, 122, 168, 186, 196, 205, 208, 210, 214, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282
Procesos metodológicos 216
Projeto de Trabalho 228, 229, 231, 233, 234, 237, 239
Prospección arqueológica 216, 218, 222, 223, 224, 225, 226

R

Religión 263, 264, 265, 267, 270, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282
Revisão bibliográfica 1, 227

S

Secundaria 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 166, 177, 219, 260

Sensibilidade 146, 147, 149

Sistema circulatório 65, 66, 67, 75

Sistema de Informação Geográfica 216, 217, 218, 222, 251, 253

Sociedades científicas 205

Sonido 16, 18, 19, 20, 21

Sustentabilidade 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 97, 98, 99, 109

T

Teacher training 23, 28, 29, 30, 31

Tecnologia 5, 16, 17, 18, 19, 35, 96, 99, 164, 170, 171, 177, 219, 223, 227, 232, 234, 235, 236, 237, 242, 283

Tejido urbano 250, 252, 253, 261

Toma de decisiones 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 164, 170

Transporte urbano 179, 183

W

William Harvey 65, 66, 72, 75

Work Design 227, 228, 231, 237, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249